

# 6. Não uma análise de si, mas uma correspondência com as exigências do coração

por Julián Carrón\*

É o que nos disse o Papa Francisco no dia 7 de março de 2015. A moral cristã nasce daqui: “É graças a este abraço de misericórdia que dá vontade de responder e de mudar, e que pode brotar uma vida diferente. A moral cristã não é o esforço titânico, voluntarístico, de quem decide ser coerente e consegue, uma espécie de desafio solitário perante o mundo. Não. Isto não é a moral cristã, é outra coisa. A moral cristã é resposta, é a resposta comovida na frente de uma misericórdia surpreendente, imprevisível, ‘injusta’ segundo os critérios humanos, de Alguém que me conhece, conhece as minhas traições e me quer bem igualmente, me estima, me abraça, me chama de novo, espera em mim, espera de mim”.<sup>1</sup>

No mesmo sentido, Dom Giussani destaca que o início da moralidade humana – *de uma moralidade plenamente humana* – é um ato de amor, não uma lei ou um sentido do dever. “O ‘sim’ de Simão a Jesus não pode ser considerado como a nota de um sentimento [ao que às vezes nós o reduzimos], mas é o início de um caminho moral que ou se abre com aquele ‘sim’ ou não se abre. O início de uma moral humana não é a análise dos fenômenos que amontoam a existência do eu, nem a análise dos comportamentos humanos em vista de um bem comum.” Não precisaria pular nenhuma linha. “Isto poderia ser o início de uma moral leiga abstrata, mas não de uma moral humana.”<sup>2</sup> Se não reconhecermos isso, em nome do cristianismo nós faremos passar por moral cristã o que na verdade é só uma moral leiga abstrata. Todavia o início de uma “moral humana” é um ato de amor. “A vida do homem consiste no principal afeto que a sustenta e no qual encontra sua maior satisfação”,<sup>3</sup> que é a forma com que Cristo se justifica perante nós. A maior satisfação é, de fato, uma correspondência às exigências do coração. Só porque encontro em Cristo a maior satisfação, é que se origina em mim – em mim! em cada um de nós! – um afeto por Ele que pode sustentar a vida inteira. “O início de uma moralidade humana é um ato de amor. É por isso que se exige uma presença, a presença de alguém que impressione a nossa pessoa, que reúna todas as nossas forças e as solicite atraindo-as a um bem desconhecido e ainda assim desejado e esperado: aquele bem que é Mistério.”<sup>4</sup> Sem essa Presença, não conseguiremos ficar unidos em nós mesmos. “Cristo atraí-me todo a si, tão belo é!”<sup>5</sup> Cristo atraí tudo de mim, atraí-me todo inteiro. »

\*Do livreto dos Exercícios Espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação 2016.

© 2016 Fraternità di Comunione e Liberazione para os textos de J. Carrón «*Eu te amei com amor eterno, tive piedade do teu nada*».

» “O diálogo entre Jesus e Pedro termina de modo estranho. Este, que está prestes a seguir Jesus, fica preocupado com o mais jovem, João, que era para ele como um filho: ‘Quando Pedro viu aquele discípulo, perguntou a Jesus: ‘E este, Senhor?’ Jesus respondeu: ‘Se eu quero que ele permaneça até que eu venha, que te importa? Tu, segue-me’. Aquele ‘sim’ dirige-se a uma Presença que diz: ‘Segue-me [tudo ali], abandona a tua vida’ [nas minhas mãos]. ‘*Jesu, tibi vivo, Jesu tibi morior, Jesu sive vivo sive morior, tuus sum.*’ Quer vivas, quer morras, tu és meu. Pertences a mim. Eu te fiz. Eu sou o teu destino. Eu sou o significado de ti e do mundo.”<sup>6</sup> Nenhuma outra coisa nos satisfaz como Ele.

É impressionante a consciência que Dom Giussani tem daquilo que move o homem no íntimo. Diferentemente do nosso presumido “realismo”, só uma presença é capaz de conquistar todo o nosso íntimo, ao ponto de colocá-lo em movimento e fazê-lo desejar mudar. Se isto não ocorre, todo o resto é conversa furada, é balbuciar tentativas ineficazes. Um instante dessa ação, um instante da simpatia que Cristo suscita vale mais do que todos os propósitos que possamos ter; um instante de preferência visceral por Cristo vale mais do que qualquer outra coisa. Com efeito, sem uma presença dominante que possa ser abraçada por nós, o “sim” não pode enraizar-se em nós. Apenas a atração potente da Sua presença é capaz de despertar uma simpatia que prevalece sobre a nossa incoerência ou incoerência, até mesmo sobre as contas numéricas. Apenas uma Presença cheia de misericórdia pode despertar o amor, que é o início da moralidade.

<sup>1</sup> Francisco, *Discurso ao movimento de Comunhão e Libertação*, Praça São Pedro, 7 de março de 2015.

<sup>2</sup> L. Giussani; S. Alberto; J. Prades, *Generare tracce nella storia del mondo*. Milão: Rizzoli, 1998, p. 88-89.

<sup>3</sup> São Tomás de Aquino, *Summa Theologiae*, IIa, IIae, q. 179, a.1.

<sup>4</sup> L. Giussani; S. Alberto; J. Prades, *Generare tracce nella storia del mondo*, op. cit., p. 89.

<sup>5</sup> Jacopone da Todi, “Como l’anima se lamenta con Dio de la carità superardente in lei infusa”, Lauda XC. In: Idem, *Le Laude*. Florença: Libreria Editrice Fiorentina, 1989, p. 313.

<sup>6</sup> L. Giussani; S. Alberto; J. Prades, *Generare tracce nella storia del mondo*, op. cit., p. 89.